

**Instituto Para o Ensino Cristão
Departamento de Educação da Associação Geral da IASD**

**O ENSINO DA ÉTICA NUMA PERSPECTIVA CRISTÃ: UMA EXPERIÊNCIA
OBSERVADA NA FACULDADE ADVENTISTA PARANAENSE**

**Por
Noel José Dias da Costa
Instituto Adventista de Ensino do Nordeste**

**490-02 Institute for Christian Teaching
12501 Old Columbia Pike
Silver Spring, MD 20904 USA**

**Preparado para o
29º Seminário Internacional de Integração Fé e Ensino
Realizado no
Centro Universitário Adventista
Eng. Coelho, SP - BRASIL**

**O ENSINO DA ÉTICA NUMA PERSPECTIVA CRISTÃ: UMA EXPERIÊNCIA
OBSERVADA NA FACULDADE ADVENTISTA PARANAENSE**

“E os teus ouvidos ouvirão a palavra do que está por detrás de ti, dizendo: Este é o caminho, andai nele, sem vos desviardes nem para a direita nem para a esquerda.” (Is.30:21)

Introdução

O seguinte trabalho tem por propósito estudar o ensino da ética no contexto das instituições adventistas de ensino superior. Visa conhecer seus princípios gerais e implicações na atualidade, além de buscar a essência da ética na nossa vida prática. Também tem o objetivo de apresentar diretrizes norteadoras para a ação docente nessa disciplina, possibilitando, assim, a integração dos princípios cristãos à vida do educando e ao seu futuro profissional.

A importância do presente trabalho deve-se inicialmente ao fato de não existir ainda, no contexto brasileiro, um material sistematizado específico sobre o ensino da ética em instituições Adventistas de Ensino Superior. Entretanto, a principal justificativa para fazê-lo é o fato de que essa disciplina constitui-se um poderoso meio de integração da fé e ensino-aprendizagem no nível superior, dadas as suas peculiaridades e inevitáveis abordagens à religião no estudo da mesma. Esta característica especial possibilita a ação interdisciplinar de uma forma mais eficiente.

O estudo aqui desenvolvido não se propõe a esgotar o assunto, dada sua amplitude, mas introduzi-lo e apresentar uma proposta que possibilite sua aplicação em contextos semelhantes àquele no qual foi utilizada inicialmente.

A fim de situar o leitor, inicialmente são apresentados aspectos históricos do tema, seguidos de uma revisão teórica, o que é feito apenas de forma introdutória. Em seguida são apresentados e discutidos aspectos práticos do mesmo.

O termo ética é aqui tratado a partir dos currículos oficiais. Quando utilizado de forma mais específica, aplicado ao contexto denominacional, são utilizados os termos Ética Cristã, ou Ética Adventista.

1 - Definição

Ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. É a ciência da moral, de uma esfera do comportamento humano. Como ciência parte de certo tipo de fatos visando descobrir-lhes os princípios gerais. Tem o objetivo de examinar o aspecto moral da natureza e comportamento humanos, para clarificar temas sobre os dilemas humanos, facilitando a formação do caráter.¹

A moral é uma ciência viva, cujo objetivo é dirigir e encaminhar a conduta humana. Porém, a vida humana, em seu desenvolvimento, descobre a cada dia situações novas, às quais a moral deve dar uma resposta, assinalar uma orientação. Não se trata de fazer uma nova moral. Trata-se de aplicar princípios, que são eternos como as essências, a problemas e situações novas e não raras vezes, corrigir perspectivas errôneas ou excessivamente estreitas, que se tornam inoperantes.²

O ensino convencional, ou secular, desse tema tem por objetivo levar o aluno ao estudo dos fatos particulares, no seu contexto maior a fim de extrair princípios gerais aplicáveis à vida neste mundo e, mais especificamente à prática profissional. A questão, porém, é mais ampla do ponto de vista espiritual. E. White³ afirma:

“O mundo não necessita tanto de homens de grande intelecto, como de nobre caráter. Necessita de homens em quem a habilidade é dirigida por princípios firmes.”

Na cosmovisão bíblica, a vida presente tem um propósito: a construção de um caráter à semelhança de Cristo, mediante nosso relacionamento com Ele. Tão alto quanto este alvo são os princípios que ele encerra. Logo, o ensino da ética deve propor-se a desenvolver habilidades e competências que deverão ser regidas por princípios derivados da revelação de Deus. Dessa forma, o educando e futuro profissional terá uma vida pessoal, social e profissional baseada em uma ética superior: a ética dos filhos de Deus, assim referida por E. White⁴:

“A ética inculcada pelo evangelho não reconhece outra norma que não a perfeição da mente e da vontade de Deus. Todos os justos atributos do caráter residem em Deus como um todo harmonioso e perfeito. Todo aquele que recebe a Cristo como seu Salvador pessoal tem o privilégio de possuir esses atributos. Esta é a ciência de santidade.”

A ética cristã, portanto, é a conformidade com a vontade de Deus, resultante da aceitação de Cristo em nossa vida.

2 - Ética e Filosofia

Ao ser definida como um conjunto sistemático de conhecimentos racionais e objetivos a respeito do comportamento humano moral, a ética se nos apresenta como um objeto específico que se pretende estudar cientificamente.

A favor desta posição se propõem vários argumentos de importância desigual, que conduzem à negação do caráter científico e independente da ética. A ética é então apresentada como uma parte de uma filosofia especulativa, isto é, construída sem levar em conta a ciência e a vida real.⁵ Os resultados de uma ética tal podem ser vistos pelos exemplos da história, tanto na civilização helenística quanto na romana. Os excessos desses últimos são mais sinalizadores.

3 - Ética e as outras Ciências

A ética se relaciona com outras ciências que, sob ângulos diversos, estudam as relações e o comportamento dos homens em sociedade e proporcionam dados e conclusões que contribuem para esclarecer o tipo peculiar de comportamento humano que é o moral.

Os agentes morais, em primeiro lugar, são indivíduos concretos que fazem parte de uma comunidade. Seus atos são morais somente se considerados nas suas relações com os outros; contudo, sempre apresentam um aspecto subjetivo, interno, psíquico constituído de motivos, impulsos, atividade da consciência que se propõe fins, seleciona meios, escolhe entre diversas alternativas, formula juízos de aprovação ou desaprovação, etc.

A ética se relaciona estreitamente com as ciências do homem, ou as ciências sociais, dado que o comportamento moral não é outra coisa senão uma forma específica do comportamento do homem, que se manifesta em diversos planos: psicológico, social, prático utilitário, jurídico,

religioso ou estético. Mas a relação da ética com outras ciências humanas ou sociais, baseada na íntima relação das diferentes formas de comportamento humano, não nos deve fazer esquecer o seu objeto específico, próprio, enquanto ciência do comportamento moral.

Este relacionamento estreito entre a ética e as ciências humanas indicam sua importância como agente de integração, facilitando inclusive o diálogo religioso em sua abordagem.

4 - Ética e História

As DOUTRINAS ÉTICAS fundamentais nascem e se desenvolvem em diferentes épocas e sociedades como respostas aos problemas básicos apresentados pelas relações entre os homens, e, em particular, pelo seu comportamento moral efetivo. Por isto, existe uma estreita vinculação entre os conceitos morais e a realidade humana, social, sujeita historicamente à mudança. Por conseguinte, as doutrinas éticas não podem ser consideradas isoladamente, mas dentro de um processo de mudança e de sucessão que constitui propriamente a sua história. Ética e história, portanto relacionam-se duplamente: a) com a vida social e, dentro desta, com as morais concretas que são um dos seus aspectos; b) com a sua história própria, já que cada doutrina está em conexão com as anteriores (tomando posição contra elas ou integrando alguns problemas e soluções precedentes), ou com as doutrinas posteriores (prolongando-se ou enriquecendo-se nelas).

4.1 - Ética Grega

Os problemas éticos são objeto de uma atenção especial na filosofia grega exatamente quando se democratiza a vida política da antiga Grécia e particularmente de Atenas. Ao naturalismo dos filósofos do primeiro período (os pré-socráticos), sucede uma preocupação com os problemas do homem, e, sobretudo, com os problemas políticos e morais. As novas condições que se apresentam no século V (a. n. e.) em muitas cidades gregas e especialmente em Atenas com o triunfo da democracia escravista sobre o domínio da velha aristocracia, com a democratização da vida política, com a criação de novas instituições eletivas e com o desenvolvimento de uma intensa vida pública, deram origem à filosofia política e moral.

As idéias de Sócrates, Platão e Aristóteles neste campo estão relacionadas com a existência de uma comunidade democrática limitada e local (o Estado - cidade ou polis), ao passo que a filosofia dos estóicos e dos epicuristas surge quando este tipo de organização social já caducou e a relação entre o indivíduo e a comunidade se apresenta em outros termos.

4.2 – Ética Judaico-cristã

Deus se comunica com o homem desde o início da criação. Entretanto, desde a entrada do pecado, tal comunicação foi prejudicada, exigindo de Deus uma estratégia diferenciada para comunicar-se com o homem. Sua revelação não podia mais ser direta, do contrário o homem pecador não subsistiria. Ao invés de revelar-se dessa forma, passou Deus a revelar-se através de visões e sonhos a pessoas especiais, os profetas, através das obras da natureza e através da pessoa de Jesus Cristo, Sua maior revelação.

Dessas três revelações podemos compreender os princípios contidos na Ética Judaico-cristã. O contexto em que o povo de Deus viveu, ao longo de sua história, foi de muita intolerância e contradições quanto aos seus princípios. Seus vizinhos eram pagãos e defendiam uma ética segundo suas crenças. Deus, contudo lhes chamara para serem povo sagrado, proclamadores da verdade e, como tal, deveriam revelar em sua vida os princípios superiores do reino que aguardavam. Isso pode ser visto através das afirmações de Deus quando no concerto do Sinai:

“Porque tu és povo santo ao Senhor teu Deus: o Senhor teu Deus te escolheu, para que lhes fosses o Seu povo próprio, de todos os povos que há sobre a terra...Guarda, pois, os mandamentos, e os estatutos e os juízos que hoje te mando cumprir.”(Dt 7:6, 11)

Os princípios do reino de Deus eram revelados por Ele mesmo aos profetas. Por esses princípios deveria Seu povo viver. Essa experiência seria resultado do relacionamento com Ele, como Criador e Salvador. Antes de oferecer os mandamentos que seriam a base de Seu reino, Deus lembrou Seu povo a libertação que lhes proporcionara:

“Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão.”(Ex 20:2)

O caráter do povo de Deus é resultado do que Deus fez e faz por ele. A libertação proporcionada por Ele é que lhes possibilita viver uma nova vida, em harmonia com a Sua Lei. No concerto Deus tomou a iniciativa. Sua graça liberta da culpa, e a mesma graça habilita à obediência, como fruto natural da comunhão com Deus. Jesus ratificou essa verdade quando dirigiu-se aos pecadores de seus dias, confusos com as distorções da religião judaica daquela época. Com Maria Madalena, por exemplo, Ele perdoou, chamou o pecado pelo nome, mas restaurou a confiança e a possibilidade de recomeçar dizendo-lhe:

“Nem Eu tão pouco te condeno; vai, e não peques mais.” (Jo 8:11)

Assim, a graça vem antes da Lei, no sentido de que Deus restaura no homem o desejo de voltar aos Seus caminhos, e também o habilita para tanto. Como fruto natural da comunhão com Deus, os princípios de Seu reino serão vistos nos atos de justiça de Seus filhos, como afirmou Jesus:

“Eu sou a videira, vós os ramos. Quem permanece em Mim, e Eu nele, esse dá muito fruto; porque sem Mim nada podeis fazer.” (Jo 15:5)

Os princípios morais ensinados na Bíblia permitiram ao povo de Deus perpetuar-se ao longo da história, e resistir mesmo às mais fortes influências seculares e pagãs. O senso da presença de Deus e da missão que possuem como seguidores Seus fizeram a diferença em suas vidas, a ponto de poderem afirmar, como Paulo:

“O nosso desejo é fazer o que é honesto, não somente diante do Senhor, mas também diante das pessoas.” (II Cor. 8:21)

4.2 - Ética Cristã Medieval

Quando o cristianismo se elevou sobre as ruínas da sociedade antiga; depois de uma longa e sofrida luta, transformou-se na religião oficial de Roma (séc. IV) e impôs o seu domínio durante dez séculos.

Nesta sociedade, caracterizada também pela sua profunda fragmentação econômica e política, devida à existência de uma multidão de feudos, a religião garante uma certa unidade

social, porque a política está na dependência dela e a Igreja como instituição que vela pela defesa da religião exerce plenamente um poder espiritual e monopoliza toda a vida intelectual. A moral concreta efetiva, e a ética como doutrina moral estão impregnadas, também, de um conteúdo religioso que encontramos em todas as manifestações da vida medieval.

A ética cristã medieval não condena esta desigualdade social e chega, inclusive, a justificá-la. A igualdade e a justiça são transferidas para um mundo ideal, enquanto aqui se mantém e se sanciona a desigualdade social. Significa isso, talvez, que a mensagem cristã carecia de efetividade e cumpria somente uma função social justificativa? O problema deve ser enfrentado de uma maneira não abstrata, mas no quadro das condições histórico-sociais de seu tempo. E, considerando estas, não se pode dar uma resposta simplista.

A mensagem cristã tinha um profundo conteúdo moral na Idade Média, isto é, quando era completamente ilusório e utópico propor-se a realização de uma igualdade real de todos os homens. Paradoxalmente, através de uma visão distorcida dos princípios religiosos, a humanidade foi privada de seu maior direito: a liberdade.

A igreja cristã medieval mantinha, portanto, uma dominação que pouco diferia de seus antigos opressores. Sua ética era oposta aos seus desideratos.

4.3 – A Ética Antropocêntrica do Mundo Moderno

Entendemos por *moderna* a ética dominante desde o século XVI até os começos do século XIX. Podemos destacar a sua tendência antropocêntrica - em contraste com a ética teocêntrica e teológica da Idade Média - que atinge o seu ponto culminante na ética de Kant.

A ética moderna se cultiva na nova sociedade que sucede à sociedade feudal da Idade Média e se caracteriza por uma série de mudanças em todas as ordens. Na econômica, incrementam-se consideravelmente as forças produtivas em relação com o desenvolvimento científico que se concretiza na constituição da ciência moderna (Galileu e Newton) e se desenvolvem as relações capitalistas de produção; na ordem social, se fortalece uma nova classe social a burguesia que se preocupa com estender o seu poder econômico e luta para impor a sua hegemonia política através de uma série de revoluções (na Holanda, Inglaterra e França); no plano estatal, desaparece a fragmentação da sociedade feudal com a sua multidão de pequenos Estados e se criam os grandes Estados modernos, únicos e centralizados. É preciso assinalar,

contudo, que esta transformação social não possui um caráter uniforme e que com ela coexiste o atraso político e econômico de outros países (como Alemanha e Itália), que somente no século XIX conseguem realizar a sua unidade nacional.

Na ordem espiritual, a religião deixa de ser a forma ideológica dominante e a Igreja Católica perde a sua função de guia. Verificam-se os movimentos de reforma, que destroem a unidade cristã medieval. Na nova sociedade, consolida-se um processo de separação daquilo que a Idade Média unira: a) a razão separa-se da fé (a filosofia, da teologia); b) a natureza, de Deus (e as ciências naturais, dos pressupostos teológicos); c) o Estado, da Igreja; e d) o homem, de Deus.

O homem adquire um valor pessoal, não só como ser espiritual, mas também como ser corpóreo, sensível, e não só como ser dotado de razão, mas também de vontade. Sua natureza não somente se revela na contemplação, mas também na ação. O homem afirma o seu valor em todos os campos: na ciência (pondo-a a serviço de suas necessidades humanas); na natureza (considerando-a como objeto de transformação ou produção humana); na arte (representando tudo inclusive as virgens com olhos humanos).

O homem aparece, portanto, no centro da política, da arte e também da moral. Ao se transferir o centro de Deus para o homem, este acabará por apresentar-se como o absoluto, ou como o criador ou legislador em diferentes domínios, incluindo nestes a moral.

A ética de Kant é a mais perfeita expressão da ética moderna, razão pela qual nos referimos de preferência a ela, mesmo que sucintamente, visando situá-la pela mudança decisiva que representa dentro da evolução do pensamento ético que culminará na nossa época.

4.4 - A Ética Contemporânea

Incluimos na ética contemporânea não só as doutrinas éticas atuais, mas também aquelas que, embora tenham surgido no século XIX, continuam exercendo o seu influxo em nossos dias. Tal é o caso das idéias de Kierkegaard, Stirner ou Marx.

As doutrinas éticas posteriores a Kant e a Hegel surgem num mundo social que, depois da Revolução de 1789, não só conheceu a instauração de uma ordem social que se apresenta conforme à natureza racional do homem, mas também uma sociedade na qual afloram e se aguçam as contradições profundas que explodirão nas revoluções sociais do século passado e do presente.

No plano filosófico, a ética contemporânea se apresenta em suas origens como uma reação contra o formalismo e o racionalismo abstrato kantiano.

Desde Hegel até os nossos dias, o pensamento ético também reage:

a) contra o formalismo e o universalismo abstrato e em favor do homem concreto (o indivíduo, para Kierkegaard e para o existencialismo atual; o homem social, para Marx.);

b) contra o racionalismo absoluto e em favor do reconhecimento do irracional no comportamento humano (Kierkegaard, o existencialismo, o paganismo e a psicanálise);

c) contra a fundamentação transcendente (metafísica) da ética e em favor da procura da sua origem no próprio homem (em geral, todas as doutrinas que examinamos, e, com um acento particular, a ética de inspiração analítica, a qual, para subtrair-se a qualquer metafísica, refugia-se na análise da linguagem moral).

A ética do mundo pós-moderno traz de volta o relativismo com nuances muito particulares. No afastamento de Deus o homem não encontra referenciais. Ele mesmo tornou-se seu norte, encontrando apenas incertezas e colhendo sofrimento e solidão.

4.5 – Ética e Religião

Pode-se concluir, através do estudo feito até aqui, que a ética foi altamente influenciada pela religião, derivando-se dela em alguns momentos, e em outros confundindo-se com ela. Desse extremo chegamos a outro, no qual se busca o sentido da ética no próprio homem, tornando-se este o padrão da mesma. Esse fato deve-se principalmente à reação do homem aos excessos da Igreja, como também à sua condição de miséria, principalmente pelas guerras e outras formas de dominação. Weber⁶ menciona a supervalorização da ciência e o decorrente vazio existencial que se seguiu.

Se houve um tempo em que Ética e Religião merecessem relevância, esse é o tempo. O século passado e o início desse foram marcados por excessos e conflitos armados ocasionados principalmente por motivos religiosos. É sintomático e paradoxal que, em nome da religião, que se propõe reatar o relacionamento entre o homem e Deus, se cometa tamanha atrocidade, como o sacrifício de vidas humanas. Em meio a tantas incoerências e desideratos difusos, as novas gerações encontram-se desnorteadas, em busca de um parâmetro definido e concreto.

O ensino da ética implica, em certo sentido, no estudo da religião e suas influências na sociedade. Além dessa análise em termos de história, há a necessidade de se fazê-la em termos práticos, existenciais e espirituais. Tal visão é apresentada na Bíblia através dos atos de Deus na vida de homens e mulheres que se submeteram à Sua direção. E. White⁷ se refere a isso dizendo da Bíblia:

“Apresenta muitos nobres exemplos de homens cujo caráter foi formado sob direção divina; homens cuja vida foi uma benção a seus semelhantes, e que estiveram no mundo como representantes de Deus.”

A vida de José, Daniel, Moisés, Elias e Paulo demonstram como a religião e a ética caminham juntos positivamente. Mesmo vivendo em ambientes hostis a seus princípios, mantiveram-se do lado de Deus e influenciaram decisivamente a sociedade de seus dias. Suas vidas foram a maior revelação de Deus aos seus contemporâneos.

5 – Ética e Integração Fé e Ensino-aprendizagem

Como já visto anteriormente, a integração fé e ensino encontra na Ética múltiplas possibilidades sendo uma das disciplinas que melhor favorece esta prática. A seguir, é apresentada uma proposta decorrente de uma experiência realizada em instituição Adventista de Ensino Superior, que será utilizada para exemplificar o método utilizado.

5.1 - Intencionalidade

As instituições Educacionais Adventistas têm por propósito aproximar o educando de Cristo, levando-o a conhecê-lo, a fim de que possa fazer sua escolha pela vida eterna, como apresenta o evangelho:

“E a vida eterna é esta: Que Te conheçam a Ti, o único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo a quem enviaste”. (Jo. 17:3)

Referindo-se a esta missão e método, E. White⁸ afirma o seguinte:

“Todo o saber e desenvolvimento real têm sua fonte no conhecimento de Deus. Para onde quer que nos volvamos, seja para o mundo físico, intelectual ou espiritual; no que quer que contemplemos, afora a mancha do pecado, revela-se esse conhecimento.”

O Ensino da Ética, como todo o ramo do conhecimento humano, é nesse sentido, uma grande oportunidade para levar o educando ao conhecimento e contemplação de Deus. Na presente proposta, o primeiro passo foi procurar atuar de forma planejada, visando este alvo, havendo, portanto, intencionalidade. Para tanto, o plano de curso foi elaborado visando integrar em cada tópico, aspectos particulares que permitiriam a interdisciplinaridade através do ensino religioso como fator de integração, promovendo o conhecimento de Deus.

Um aspecto relevante nesse processo foi o apoio da diretoria, o que muito contribuiu para a execução final do mesmo. Sem tal suporte, dificilmente seriam alcançados os resultados obtidos.

5.2 – Conhecer os alunos

Antes do primeiro contato com os alunos, é possível obter dados a seu respeito, através da secretaria. Essas informações são importantes para o direcionamento nas aulas iniciais. Isto pôde ser verificado na referida experiência.

Nas primeiras aulas foi possível conhecê-los mais. Para tanto, foram utilizados recursos lúdicos, dinâmicas, atividades de auto-exposição (vivências, produção de texto, desenhos projetivos etc). Pelo produto dessas atividades e também pela observação direta, foi possível conhecê-los e corrigir possíveis distorções do plano inicial adotado.

De posse da nova impressão dos educandos, tornou-se mais viável a elaboração final do planejamento. Verificou-se que havia três categorias distintas de alunos de ambos os sexos: a) um grupo de adolescentes (50%), com bom conhecimento acadêmico e relativa experiência de vida; b) um grupo de jovens maduros (30%), com médio conhecimento acadêmico e mais experiência de vida; c) um grupo de pessoas de meia-idade (20%), com menor conhecimento acadêmico e muita experiência de vida.

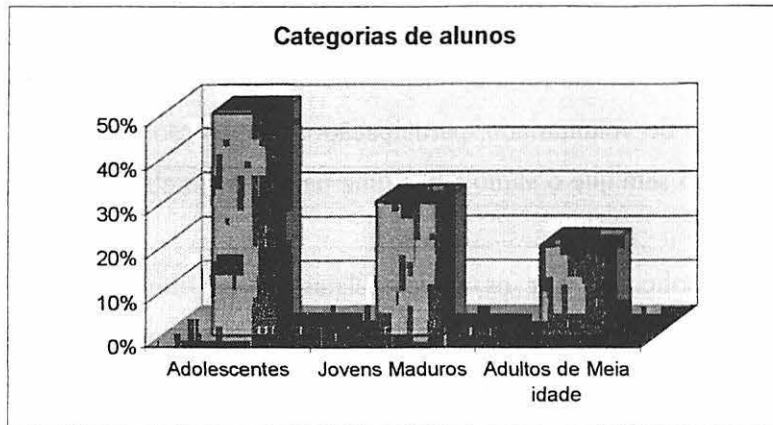


Gráfico 1

Do total, 80% eram Adventistas e 20% eram não Adventistas. Destes últimos, a maioria era católica, havendo ainda evangélicos e espiritualistas.

Os dados obtidos das aulas iniciais sinalizaram ainda grande motivação para participação por parte do terceiro grupo, citado inicialmente. Apesar de seu conhecimento acadêmico limitado (muitos estavam há mais de 10 anos sem frequentar escola regular), através de perguntas e considerações, participavam ativamente. Seu envolvimento era visível.

5.3 – Seleção de Estratégias

Muitos professores Adventistas sentem-se desmotivados ou, na melhor hipótese, desafiados quando percebem que têm verdades a comunicar a um grupo muito heterogêneo. De um lado encontram um grupo que nada conhece das verdades bíblicas, e de outro têm um grupo que tendo-as conhecido desde a infância, em sua boa parte, não se sentem estimulados a ouvi-las em sua forma mais elementar.

Esta tensão pode ser resolvida através da utilização de estratégias de envolvimento. A ação docente deve ser eclética, inovadora, dinâmica e atraente, sem, contudo, desviar-se do objetivo.

5.3.1 – Envolvimento

Uma das estratégias utilizadas foi a do envolvimento. Levando-se em conta o momento atual, no qual muito se fala de voluntariado, participação e cooperação, a tarefa da sala de aula não pode ser levada a efeito sem que o aluno tenha uma participação ativa na construção de sua aprendizagem.

Inicialmente, foi solicitado que os alunos relatassem em uma folha de papel a sua expectativa quanto às aulas. Depois, foram-lhes apresentados a ementa, os objetivos e o cronograma da disciplina. Em seguida foi-lhes solicitado que listassem temas de sua preferência para serem tratados nas classes. Os resultados indicaram grande interesse para temas da problemática jovem (drogas, família, aborto etc) e outros periféricos a eles. Temas sociais também apareceram, com especial incidência (desigualdades sociais, criminalidade, justiça da mulher e da criança, movimento dos sem terra e ocupação do solo, ecologia etc). Uma outra categoria foi a de temas bíblicos. Dentre estes, houve destaque para profecias escatológicas.

A partir de sua preferência, as aulas foram adaptadas, integrando os temas sugeridos pelos alunos. A metodologia utilizada foi a de seminários, que deveriam, obviamente, ser apresentados em grupo. Os temas do currículo regular foram integrados às sugestões dos alunos e sorteados entre eles. Deveriam, então, elaborá-los através de pesquisa bibliográfica, incluindo a Bíblia, entrevistas, pesquisa de campo, análise de vídeo, etc. A abordagem dos temas deveria ser adaptada à realidade atual, sempre partindo de correlações com informações bíblicas sobre os mesmos.

Após a distribuição dos temas para os grupos, estes tiveram duas aulas em biblioteca onde trabalharam com levantamento bibliográfico, supervisionados pelo professor. Previamente, foram indicados livros, periódicos, vídeos e sites que deveriam ser consultados. Além desses, os alunos deveriam consultar outros. Enquanto preparavam os seminários as aulas foram ministradas de forma diversificada. Foi utilizada dinâmica de grupos, plenários, como também aulas expositivas com utilização de recursos audio-visuais e micro-informática e ambientes diversificados.

Todos os alunos receberam uma planilha com os critérios de avaliação do seminário, na qual o envolvimento e criatividade recebiam destaque. Eles reagiram positivamente à proposta, engajando-se nas atividades.

5.3.2 – Debates de temas polêmicos

Connors⁹ apresenta a importância de se discutir os dilemas modernos como meio de se estudar a ética. Contudo, adverte para o perigo de se deixar o jovem sem um princípio norteador. Sugere até mesmo que se solicite do estudante um ponto de vista e se contraponha a ele como “advogado do diabo”, ou seja, desafiando-o em seu raciocínio, levando-o a pensar.

Para alcançar este objetivo é preciso utilizar bem a Palavra de Deus. Em sua singularidade, tem ela orientações para todas as áreas da vida humana, como declara E. White¹⁰:

“A Bíblia contém todos os princípios que os homens necessitam compreender a fim de se habilitarem tanto para esta vida como para a futura. E tais princípios podem ser compreendidos por todos. Quem quer que possua espírito capaz de apreciar seus ensinamentos, não poderia ler uma simples passagem da Bíblia sem adquirir dela algum conceito auxiliador... Em sua vasta série de estilos e assuntos, a Bíblia tem algo para interessar a todo espírito e apelar a cada coração.”

Como já foi dito, o ensino da ética constitui-se um poderoso canal para a integração fé e ensino. Por lidar com valores morais e sua aplicação a uma esfera particular do comportamento humano, permite uma ampla discussão, favorecendo, assim, o juízo moral e a mudança. Na citada experiência, os temas polêmicos foram apresentados e discutidos em plenário por todos os alunos.

A discussão se deu de forma acalorada, principalmente no caso em que as opiniões eram muito divergentes. O debate, entretanto, serviu como elo para o estudo dos conceitos sob a perspectiva bíblica, pois fora solicitado de cada grupo que ao preparar o material cuidassem em apresentá-lo de forma correlacionada a um princípio bíblico.

Dentre os temas discutidos, alguns despertaram grande interesse, favorecendo também uma maior discussão dos temas bíblicos a eles relacionados. No quadro seguinte são apresentados estes temas seguidos dos temas a eles relacionados por lidarem com o mesmo princípio ou algum outro semelhante.

TEMA ÉTICO	TEMA BÍBLICO
Violência Urbana e Sistema Prisional	A Lei de Deus
A Globalização e as Liberdades individuais	Profecias escatológicas
A Mídia e o comportamento humano	Cristologia e Escatologia
“ <i>Movimento dos Sem Terra</i> ” e ocupação do solo	O plano original de Deus para a criação
Eutanásia e Aborto	Deus, doador e mantenedor da vida
Pena de Morte	O Plano de Redenção
Relações de Trabalho no 3º milênio	O Sábado
Exclusão social	Implicações do evolucionismo

Estes são apenas alguns exemplos ilustrativos do que foi feito. Outros conteúdos possibilitaram o estudo de temas diversos. Assim, foram tratados os principais temas bíblicos. Alguns de forma mais ampla que outros, dadas as suas possibilidades de correlações.

5.3.3 – Avaliação

Nesta proposta, a avaliação foi bem diversificada. Primeiramente foi solicitado que o próprio grupo se reunisse e fizesse avaliação de cada um dos seus componentes. Dentre outros critérios, deveriam considerar a participação e envolvimento. Deveriam atribuir notas segundo os critérios. Depois, fizeram um exame. Além dessas notas, houve também um conceito dado pelo próprio professor.

A avaliação foi um momento importante na integração fé e ensino, pois possibilitou a aplicação de princípios que foram trabalhados pelos alunos. Percebeu-se no primeiro momento que eles mesmos eram muito mais exigentes com seus próprios colegas que o professor. Isto se tornou um grande oportunidade para discutir-se critérios de justiça. A ética pôde encontrar espaço para uma realidade prática, na qual eles mesmos se inseriam diretamente.

Os temas foram de tal interesse para os alunos que até nos círculos de conversas informais, extra-classe, continuaram a ser objeto de suas considerações. Nesses momentos foi possível uma atuação mais eficiente do professor, o que possibilitou-lhe aproximar-se de seus alunos para tratar dos temas de forma mais particular.

6 – Considerações finais

Resultados preliminares sinalizam para a eficácia deste método, mesmo que embrionário, para o ensino da ética, integrando fé e ensino em instituição Adventista de ensino superior. Possibilita a discussão e análise continuada dos princípios éticos e a aplicação dos mesmos a situações do cotidiano, facilitando a compreensão dos alunos e internalização dos valores cristãos.

Ao final da experiência percebeu-se também a necessidade de aprimorar outros aspectos do processo educacional para se alcançar os objetivos. Dentre estes destacam-se a Integração fé-ensino: a) na experiência pessoal; b) na coerência do corpo docente; c) nas ações administrativas.

6.1 – Experiência pessoal

De muitas maneiras Jesus ilustrou a necessidade de uma comunhão pessoal com Ele para que a vida espiritual seja frutífera. Em João 15:4-5 Ele disse:

“Permaneça em Mim, e Eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em Mim. Eu sou a Videira, vós, os ramos. Quem permanece em Mim e Eu nele, esse dá muito fruto; porque sem Mim nada podeis fazer.”

Qualquer iniciativa no sentido de integrar fé e ensino tem que começar na comunhão, na experiência pessoal com Deus. Tal comunhão possibilitará um testemunho poderoso. Os princípios bíblicos serão vistos na vida do professor, de tal maneira que ele possa falar de algo que vivencia. Os princípios cristãos serão facilmente perceptíveis em sua vida.

6.2 – Coerência dos docentes

Outra dimensão a ser considerada no ensino da ética são as relações entre professores e/ou entre outros funcionários da instituição. Os alunos percebem com facilidade a falta de coesão do grupo, o desinteresse pela cooperação, a competitividade e a desarmonia quando se

instalam na vida dos docentes. O exemplo é poderoso. Ensina-se ética muito mais pela vida do que pelas palavras.

6.3 – Ações administrativas

Embora cada um dos servidores de uma instituição sejam os responsáveis diretos pela integração fé e ensino, suas ações podem sofrer forte interferência da administração, apoiando ou prejudicando o êxito da mesma. Se o clima organizacional é de companheirismo, responsabilidade, confiança, ações claras e justas, o ensino da Ética é facilitado. Se, ao contrário, há clima de ameaças, insegurança, deslealdade, os alunos percebem o conflito e, no contexto universitário, onde a contestação é comum, o ensino da ética é certamente prejudicado.

Conclusão

As possibilidades para integrar-se a fé no estudo da ética são imensas. É preciso que a ação docente nesse sentido seja planejada, integrando outros conteúdos correlacionados a ela. A aplicação das informações obtidas na discussão de temas polêmicos e atuais possibilitarão uma compreensão melhor dos princípios envolvidos e uma consequente internalização dos valores espirituais. Tudo isto, porém, deve estar integrado na vida dos que formam o corpo de servidores da instituição.

A experiência apresentada evidencia a necessidade de maior número de iniciativas semelhantes, procurando aliar a ação planejada para a integração fé e ensino à busca da excelência na educação. Sinaliza também para a necessidade de abordar-se temas atuais, buscando através dessa associação discutir os princípios bíblicos envolvidos de forma direta ou não.

Essa experiência também evidencia a necessidade de se conhecer o código de ética das distintas categorias profissionais, a fim de se aprofundar a discussão dos temas bíblicos a partir da realidade de cada profissão.

O ensino da ética deve ser amplo, não se restringindo à sala de aula, mas alcançando cada aspecto do processo ensino-aprendizagem.

Referências Bibliográficas

- ¹ Miroslav, M. K. Authority, Bible, and Christian Ethics. *Christ in Classroom*. 28^o ed, p. 428.
- ² Frankena, W. K.; *Ética*; 2^a edição; Rio de Janeiro; Zahar; 1975, p. 13.
- ³ White, E.G. *Educação*. S. André, Casa Publicadora Brasileira, 1977, p. 225.
- ⁴ _____. *Conselhos sobre Educação*. Tatuí, Casa Publicadora Brasileira, 1994, p. 228.
- ⁵ Bignotto, N.; et al; *Ética*; organização Aduino Novaes; 5^a edição; São Paulo; Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura; 1997, páginas 113.
- ⁶ Weber, M. *O Mito da Ciência*. Rio de Janeiro, Zahar; 1985, p. 38.
- ⁷ White, E.G. *Educação*. S. André, Casa Publicadora Brasileira, 1977, p. 51.
- ⁸ _____. *idem*. p. 14
- ⁹ Connors, J. B. Moral Education Revisited: Trends in Teaching Right From Wrong, in *Christ in Classroom*, 22^a ed. Silver Spring, USA, Institute for Christian Teaching, 1998, p. 65.
- ¹⁰ White, E.G. *Educação*. S. André, Casa Publicadora Brasileira, 1977, p. 123.